

tesouro de espécimes etnológicos e enormes conhecimentos novos sobre os índios das planícies. Passou grande parte do ano seguinte com a esposa. Depois, em 1834, surgiu uma oportunidade que abriu a porta para o grande Sudoeste.

O Governo Americano, tendo em mente adquirir a região, que era então controlada pelo México, mandou um regimento de dragões para o território que é agora o Estado de Oklahoma, terra dos Xeroquis, Choc-taws, Creeks e Sênecas, e mais para oeste, até à região dos selvagens Comanches. Catlin os acompanhou pelas planícies intermináveis montando um cavaliño semi-selvagem de côr bege. Embora acometido de uma doença indefinível, conseguiu arranjar fôrças para pintar êsses selvagens majestosos, extasiado com as suas proezas de cavaleiros, encantado com os seus jogos de bola e as suas danças tribais. Finalmente, terminado o seu trabalho, teve de ser carregado para casa, tremendo de frio e febre, num vagão bagageiro.

Quando partiu de nôvo, a esposa acompanhou-o. Numa frágil canoa, os dois começaram a descida do Mississípi, numa viagem sem pressa, visitando diversas tribos, que sempre ficavam encantadas ao ver a mulher branca, elegantemente vestida, e vinham mostrar-lhe os seus filhos e cumulá-la de presentes. Mas quando Clara viu que ia ter um filho, Catlin a levou para a casa dos pais dêle e começou a cuidar de um nôvo projeto—uma *tournée* de con-

ferências. Êle havia colecionado muitos artefatos do mundo dos índios, fazendo mais de 600 quadros e desenhos dêles. Esperava, mediante conferências e exposições, fazer o público compreender a grandeza do homem vermelho, em via de perder-se. Alimentava o sonho de que o govêrno criasse um vasto parque ao sopé das Montanhas Rochosas, onde o homem vermelho e os animais das grandes planícies, cujo número ia diminuindo, pudessem vagar livres para sempre.

Mas as pessoas que iam ouvir as conferências de Catlin se mostravam incrédulas. O que êle tinha a dizer era tão distante do conceito corrente que parecia um amontoado de mentiras. Foi apresentado no Congresso, sessão legislativa de 1837-38, um projeto de compra da coleção Catlin, para ser colocada num museu nacional, mas o projeto morreu nas comissões.

Desgostoso, Catlin levou sua obra para o estrangeiro. Deixou sua família nos Estados Unidos. Em Londres, multidões acorreram à sua exposição, e a lista de subscrições para a publicação de sua obra foi encabeçada pela Rainha Vitória. Clara e suas duas filhas foram seu encontro. Mas o número de freqüentadores da exposição foi diminuindo. Catlin passou a expor na rua—em Liverpool, Manchester, Edimburgo. Mudou-se para Paris, onde viveu novamente a mesma história—aclamações, depois diminuição do interêsse público, contratos não cumpridos,

Estava doente e desanimado, quando Clara, sua leal amiga de tôdas as horas, contraiu uma pneumonia e morreu em poucos dias. Desesperado e esmagado pela tardia percepção dos sacrifícios que lhe impusera, Catlin tentou tomar conta de suas filhas sem mãe. Continuou a pintar e a lutar por um museu nacional para sua obra. No Senado, um projeto apresentado para êsse fim foi derrotado por um voto.

George Catlin, sem dinheiro, na iminência de ficar surdo, confiou as filhas aos cuidados da abastada família de Clara. A mobília de sua casa foi penhorada. Joseph Harrison, um rico de Filadélfia que lhe tinha adiantado dinheiro, apossou-se da maior parte de seus trabalhos. Catlin consolou-se nos sertões da América do Sul, pintando novos homens vermelhos, diferentes dos outros. Só aos 74 anos foi que êle pisou novamente

o cais de Nova York, enrugado e cansado, surdo e sem dinheiro, mas sempre ereto e orgulhoso.

Suas filhas insistiram em que êle fôsse viver confortavelmente em companhia delas. Mas isso não era para Catlin. Seguiu o seu sonho, seguiu-o até Washington, onde talvez se tornasse realidade, acreditava êle apaixonadamente. Mas o corpo falhou ao seu infatigável espírito; pouco antes do Natal, em 1872, morreu. Muitos de seus quadros se perderam, dispersos. Felizmente, alguns dos melhores chegaram à Instituição Smithsonian, em Washington—o destino que Catlin almejava para êles. Mas onde quer que estejam, onde quer que seja encontrado um dêles, aí se encontrarão de nôvo os vigorosos, os selvagens, os livres primeiros americanos, retratados em tôda a sua glória selvagem pelo pincel carinhoso de um gênio.



PERGUNTARAM ao ator inglês Robert Morley qual era a sua filosofia de vida.

—Encaro a vida como uma festa—disse êle a um entrevistador.—A gente chega muito depois de ter ela começado, e vai sair antes de terminar, e talvez não valha a pena procurar ser o centro e a alma da festa, nem procurar assumir muita responsabilidade por ela. —Liberty, Canadá



AS FÉRIAS tinham sido extremamente agitadas, mas consegui sobreviver, estafada, mas intata. Aí, chega meu filho menor, com um cachorrinho que tinha encontrado e que queria conservar. Perguntou-me se eu achava que era fêmea. Assegurei-lhe, cansada, que era.

—Achei que devia ser—disse êle, baixinho.—Tem um cabelo tão esguedelhado e uma cara tão triste!

Desde aquela terrível revelação, esforcei-me muito mais para manter uma boa aparência . . . custe o que custar!

—Sr. J. H.

pincel. Na primavera despediu-se de Clara e partiu novamente para o grande Noroeste, onde as tribos vagavam com a mesma liberdade que os rebanhos de búfalos dos quais se nutriam e onde os únicos vestígios de civilização eram os raros postos



Wi-jun-jon, antes e depois de sua visita a Washington. Instituição Smithsonian

de comércio de peles. A firma negociante de peles de John Astor, pioneira no gênero, construíra um navio a vapor de dois conveses, medindo 40 metros—o *Yellow Stone*—para transportar provisões a uma distância de 3 000 quilômetros, subindo o lamacento Misúri. Em 26 de março de 1832, vomitando fumaça, o navio partiu de St. Louis, e entre os passageiros ia o homenzinho sossegado com suas telas e cadernos de desenho.

A bordo ia Wi-jun-jon, filho de um chefe Assiniboin, que simbolizava para Catlin o que a civilização estava fazendo do homem vermelho. Catlin já o pintara antes, quando êle era um jovem e orgulhoso guerreiro, de beleza clássica, “com suas pernas e camisa de pele de cabrito-montês, ricamente guarnecidas com espinhos de porco-espinho e franjada com os cabelos tirados do crânio de seus inimigos”, conforme o descreveu o pintor. Agora Wi-jun-jon estava de volta à sua terra, depois de passar um inverno em visita a Nova York e Washington. Vestia um uniforme azul com dragonas e uma faixa vermelha, e usava um chapéu alto com uma longa pena vermelha. Numa das mãos, calçada com uma luva de pelica, levava um guarda-chuva, e na outra um leque, e assim vestido andava pavoneando-se pelo convés, assobiando *Yankee Doodle*. Observando-o, Catlin compreendia, melhor do que nunca, que precisava captar, enquanto possível, o esplendor dos primeiros americanos na vida que levavam antes da chegada do homem branco.

A 1 500 quilômetros de viagem Misúri acima, o *Yellow Stone* enclanchou num banco de areia, e Catlin, acompanhando 20 homens conhecedores da região, pôs-se a caminho de Forte Pierre, por terra, a pé. Era a região dos Índios Sioux, e êstes, com a sua altura de 1,80 m, encantavam Catlin pela ferocidade graciosa e pela ousadia de suas proezas como cavaleiros. Êle viu e pintou a no-

breza dos índios ainda não contaminados pela ganância dos negociantes de peles que os escravizavam e degradavam com subornos e uísque. A obra de Catlin é uma longa e exaltada prova de que o primitivo americano era um homem digno de res-

em junho o navio chegou ao seu destino, Forte Union, perto da atual fronteira entre Dakota do Norte e Montana. Aí os principais chefes dos Blackfeet e dos Crows vinham posar para êle. Catlin acompanhava os índios em suas expedições de caça,



“Caça ao Búfalo no Misúri Superior.” Instituição Smithsonian

peito. Numa época em que, para a grande maioria, o único índio bom era um índio morto, Catlin ousou escrever: “Amo um povo que sempre me acolheu da melhor maneira que podia, um povo honesto sem leis, que não tem cadeias nem asilos, que nunca travou com o homem branco uma batalha que não fôsse na sua própria terra, e ah! como amo o povo que não vive por amor ao dinheiro.”

Catlin voltou ao *Yellow Stone*, e

fazendo os desenhos que mais tarde transformou em quadros. Não usava recursos de artista; sua obra era rigorosamente documentária, e nisso está o seu valor. As telas de outros pintores talentosos que se dedicaram aos índios são estragadas pela sofisticação. Catlin nos apresenta o homem vermelho como êle era: senhor da terra, aristocrata, sem necessidade de idealização.

Naquele outono, Catlin voltou para sua terra—com 135 quadros, um

e mais do que tudo os índios—os índios que viviam no Oeste.

Em 1817, quando George Catlin tinha 21 anos, seus pais mandaram-no para Connecticut a fim de estudar Direito e exercer a advocacia. Nisso êle passou dois anos, mas surpreendia-se cobrindo de desenhos as margens dos livros e tôda fôlha em branco que encontrava. Resolveu abandonar o Direito e tornar-se pintor. Estêve em Filadélfia e Washington, onde seus retratos em miniatura lhe proporcionaram notável sucesso financeiro. Em Albany, no Estado de Nova York, onde êle fôra pintar o retrato do Governador De Witt Clinton, encontrou o amor de sua vida, uma môça de 20 anos, Clara Bartlett Gregory, que vivia num mundo de elegância e conforto.

Êsse mundo poderia ter sido o de George Catlin. Mas êle sentia uma necessidade profunda de dedicar sua vida e seu pincel a alguma coisa maior do que miniaturas em marfim. Queria captar a grandeza do mundo de seus sonhos de menino, o mundo dos índios que viviam no Oeste ainda indômito. Enfrentou grandes obstáculos. Catlin, com 1,76 m de altura, tinha no corpo um estupendo e inquieto demônio de energia, mas era sujeito a doenças freqüentes. Pior ainda, sua mulher era frágil, e para conquistar seu ideal êle teria de deixá-la. Entretanto, tendo acumulado alguns recursos com os

seus retratos, Catlin instalou-a em Albany, e em 1830 partiu para St. Louis, a porta de acesso ao sertão.

Aí armou o seu cavalete no escritório do General William Clark, superintendente do Serviço dos Índios, que 26 anos antes—ao lado de Meriwether Lewis—chefiara a histórica Expedição Lewis e Clark ao Pacífico. Dignitários índios freqüentavam o gabinete de Clark para barganhar com o poderoso chefe branco. Enquanto êles ficavam por ali, em atitudes orgulhosas, cobertos de peles pintadas e adornos de penas de águia, garras de urso, ou arminhos, o pincel de Catlin trabalhava anotando todos os detalhes. Quando Clark, para firmar tratados, partia em suas expedições ao longo do Mississípi superior, Catlin ia com êle para captar a imagem dos Iowas e dos Sioux, dos Omahas, Sauks, e Foxes. Catlin pintou o chefe Falcão Negro, cuja obstinação em preservar a posse das terras de sua tribo resultou numa guerra na qual viria a servir como soldado o jovem Abraão Lincoln.

Todos êsses vigorosos trabalhos, feitos ao vivo, foram pouco tempo depois levados por Catlin para o Leste e oferecidos à admiração e assombro de Clara. Ela teve a impressão de que o marido viajara até aos confins da terra e vira os mais ferozes selvagens. Mas Catlin sabia que estava apenas na fronteira do mundo que pretendia captar com o

*Kee-o-kuk, chefe dos Sauks e Foxes—
Quadro da Instituição Smithsonian*





Catlin pintando Quatro Ursos, um chefe da tribo dos Mandans

Êle Pintou o Esplendor dos Primeiros Americanos

SEMPRE OUVIRA a mãe falar nos índios. Em criança, na Pensilvânia, pouco antes da Revolução Americana, ela fôra capturada e raptada por êles. O avô também falava nêles. Lutara contra os índios e, depois de um massacre, fôra um dos poucos sobreviventes que ficaram para contar a história. O jovem George Catlin ouvia com entusiasmo, pois tudo o que era selvagem e primitivo lhe interessava: as matas que cercavam a fazenda dos Catlin, numa das margens do Susquehanna,

TÔDAS AS REPRODUÇÕES POR GENTILEZA DO DR. HAROLD MCCRACKEN

LOUISE REDFIELD PEATTIE

*Nos magníficos quadros
de George Catlin, vemos o índio
americano como era antes
da chegada do homem branco:
livre, orgulhoso e
aristocrático senhor da terra*